

# O Recreador Mineiro.

PERIODICO LITTERARIO.

TOMO 5.º

1.º DE MARÇO DE 1847.

N.º 53

## O PALACIO DO DIABO.

N'um formoso dia de verão, do anno da Redempção, 951, sabia de Placencia, ao alvorecer, uma cavalgada esplendida e se encaminhava a Pavia para assistir aos estados, que de ordem de Otthão o magno alli se ajuntavão: doze mensageiros d'este monarcha precedião o rancho; erão vindos do castello de Canossa de l'bertar de longo assedio a rainha Isabel, viuva de Lothario, filho do rei da Lombardia. Esta nobre victima da ambição de Berengario, governador do reino e depois rei, proseguia a cavallo no meio delles, acompanhados a de mais perto Altono, seu mais zeloso defensor, e o bispo de Pavia: seguiaõ-se os erudes e outros fidalgos com seus esudeiros cerrando a comitiva. A poucas milhas de distancia de Placencia, as fileiras da frente rarearaõ-se pouco a pouco, e sem que o sequito destronasse inteiramente, organizaõ-se grupos de tres e quatro cavalleiros, succedendo a conversação intima ao silencio que ali alli por todos fora mantido. Um de estatura mais que ordinaria, porém esbelta, e de maneiras menos rudes do que era d'esperar no seu tempo, de semblante varonil e agradável ao mesmo tempo, fez parar o cavallo e esperar as fileiras dos homens d'armas que vinhaõ eguindo seus amos. Era Adalberto, filho do conde de Verona: e na occasião de passarem aquelles chamou — Conrado! — e o vasallo acudia à voz de seu castello

El'ião, amigo velho, (perguntou o senhal) estás saísco de escapares à maldita prisão em que estivemos encerrados tres annos?

— “ Por alma d'Albino, que me parece ter hoje vinte annos de menos! Abençoado seja o imperador que dalli nos tirou! Assento que o tal senhor Berengario nos faria jazer à sombra das abobadas um seculo inteiro, se tanto durássemos —

— Tres annos! (e Adalberto suspirow) tres annos sem vê-la!

— Quanto a vê-la, serà isso là para depois da sazição: pelo que respeita a notícias, tenho as eu, senhor, havidas por bom canal — Responde o velho, todo contente.

— Fallas serio? — Sim, senhor: conversei hoje com gente de casa do conde, e alcancei saber que a menina está boa de saúde, que pensa muito na pessoa de meu amo, et costera .. —

Conrado: — replicou Adalberto severamente; mas proseguiu mais brando: — acredita que Isabel confie os seus segredos a alguém empregado no serviço do conde? —

— De certo que não; mas poderá confiar-los de sua ama, que é mulher de quem me contou tudo, e grande amigo meu

— Ah! isso è outro caso —

— Ha' porém outra coisa que eu sei por via do marido, e que este não pode por in'a dizer a mulher. O meu amigo è muito do agrado do senhor conde, e ha' indicios que seu amo descubria o

segredo da senhora de vossos pensamentos, e está determinado a fazer-vos venturoso —

Tinha cortado o colloquio, entre Adalberto e Comaro, um escudeiro, que veio procurar o cavalleiro da parte de Adelaidé. — Entremos no entanto n'algumas circumstancias historicas para intelligencia completa do que vamos referindo.

Adalberto tinha visto por occasião de umas justas em Verona a filha do conde d'esta cidade, e ficára perdido de amores. N'essa epocha de ignorancia não havia possibilidade de correspondencia. Os cavalleiros, que fazião qualquer contracto, mandavão-no redigir pelo seu notario, que certificava que os signaes de cruz em baixo do documento haviam sido realmente feitos na sua presença pelas partes contractantes. Senhores de muita conta e grande respeito praticavão então o que ainda agora succede aos labregos dos campos, e tambem das villas e cidades, onde não podesse se aminhar. Forçoso era pois que Adalberto se contentasse expriminda sua paixão pelos relances d'olhos, tão eloquentes quanto expressivos, accitando em resposta os meigos e jocundos sorrisos de Isabel: logo no seu coração formou tenção de ir a Mantua, onde seria bem recebido pelo conde, particular amigo de Milou, pai d'elle mancebo; todavia os successos politicos retardarão mais de seis annos esta viagem tão desejada, sem que no peito de ambos os amantes se apagassem a lembrança das festas de Verona.

Depois da morte civil de Carlos o grande, que perdeu n'hum momento quanto Carlos Magno ajuntára por victorias repetidas; depois que o arcebispo de Moguncia fez esmola de um anno da sua sé ao ultimo rei da casa carlovigiana para o não deixar

perecer à mingua: os lombardos que á imitação de todos os mais subditos aproveitaraõ o ensejo para sacudir o jugo, convocarão a assemblea dos estados do reino, e collocarão a corôa da Italia na cabeça de Berengario, filho do duqué do Friul, no mesmo anno de 888, assignalado pela desgraça de Carlos. O monarcha eleito reinou mais como pai que como senhor, combateu com valor os barbaros que infestavão a Italia: foi elemente e bondoso, a ponto que tão bellas qualidades e a nimia confiança nos outros lhe fizerão perder a vida. Em 915 o tinham nomeado imperador. Alguns senhores, cheios por elle de beneficios, conjurarão-se contra o benefeitor, mas descoberta a conspiração marchou contra Rodolpho, rei borgonhez, que se dirigia á Italia para occupar o solio da Lombardia. Berengario o desbaratou e restituiu à liberdade os conjurados que haviaõ cahido prisioneiros; recolheu-se depois á sua côrte de Verona, que por vezes lhe servira de refugio. Ahi de novo o perseguirão os traidores, e convencerão um nobre, compadre do imperador, a que valendo-se da intimidade o assassinasse. Advertido do novo trama o monarcha generoso chamou o fidalgo, fez-lhe conhecer sua tão enorme ingratitude e o horror do crime que lhe incumbiraõ, e tomando huma taça d'ouro de obra singular lh'a offereceu, dizendo — Seja este o penhor do meu esquecimento do vosso erro e de voltardes ao caminho da virtude: accetai o, e lembrai-vos que a imperador he padrinho de vosso filho. Na manhã seguinte, salindo Berengario para a missa, veio encontra-lo o traidor perdoado, seguido de gente armada, e simulando abraçá-lo o apunhalou cobarde e vilmente; não couteu porém fructo do atroz

eissimo crime, por quanto o conde Milan, pai de Adalberto, que ja conhecemos, chegou, mui tarde para salvar o melhor dos imperadores italianos, mas a tempo de fazer em pedaços o assassino e os da sua facção. Esta morte prematura deixou sem cabeça que os regresses os estados daquella rica parte da Italia: o interregno de dois annos precedeu a dominação de hum tyranno: Hugo, da Provença, foi preferido a Rodolpho da Borgonha; o reinado de Hugo foi a perfeita antithese do reinado de seu predecessor: entre innumeraveis malfetorias, Hugo violou indignamente a propriedade de seus subditos, que o antecedente monarchia sempre vigilante protegêra. Em 910 só Berengario, neto do imperador do mesmo nome, era o unico dos feudatarios italianos que conservava a herança paterna; mas a final viu-se exposto ao ciume de Hugo, e teve de fugir com sua esposa para salvar-se. Acolhido na Alemanha por Othão o Magno, pôde voltar á Italia em 915 com poucas tropas, que breve engrossara em numero, por quanto era geral o descontentamento. Convocara-se os estados em Milão; e convem saber que só da nobreza eraõ compostos, porque de nenhuma representação gozava o povo: a decisão foi generosa e conciliadora: Lothario, filho d'Hugo, foi aclamado rei, e a Berengario foi dada a regencia da monarchia. Este, porém, ambicioso e cruel, deu traça para que Lothario fosse invencinado, e para segurar em sua familia a corôa usurpada requereu para seu filho a mão da viuva victima de seus damnados projectos. Era esta senhora de qualidades eminentes, e de espiritos superiores ao seu sexo, e pelos italianos affectuosamente estimada. Adelaide recusou formalmente; o tyranno a

perseguiu sem reboço até encerra-la n'hum castello junto ao lago de Garda.

Durante a detençaõ da rainha, os vassallos fieis á memoria de seu maridoprehenderaõ toda a casta de tentativas para a libertar; era d'esse numero o conde de Verona, Milan; e empregou seu filho em taõ sagrada missão. Quando Adelaide, conseguindo evadir-se da prisão, se refugiou no castello de Canossa, Adalberto a seguiu por ordem de seu pai; e governando a fortaleza o valente e leal Altone, por trez annos ahi se manteve o joven cavalleiro, assiduo na defesa apesar do ardente desejo de tornar a ver a formosa condeça que o captivara nas justas de Verona.

No entanto o povo, indignado do proceder infame do novo rei, seguiu o exemplo de Adalberto, e por intervenção do arcebispo milanez, recorreu-se á protecção de Othão o magno. O magnanimo e valoroso monarcha acudiu á Italia; seu primeiro cuidado foi descer a fortaleza de Canossa, e offerecer a mão de esposo a Adelaide, para que ella houvesse parte na corôa da Italia, que os lombardos a elle imperador voluntarios offereciaõ.

Sob taes auspicios a viuva de Lothario caminhava para Pavia com taõ numero-a comitiva.

Tornando a Adalberto, quando, a visado pelo escudeiro, chegou ao pé da rainha, disse-lhe esta: — Valente cavalleiro, tres annos combatestes por uma viuva perseguida; hoje que essa viuva è a rainha da Lombardia, pedi-lhe provas da sua graidaõ. —

O guerreiro novel abaixou a cabeça — Fallai com franqueza, Adalberto, em Canossa naõ fostes taõ tímido —

— Em Canossa cumpria eu a minha obrigaçãõ, senhora, e naõ esperava recompensa. — Entao o manco

ollhou para o bispo de Pavia e para o outro companheiro, querendo dizer mudamente que não lhe convinhão aquellas testemunhas. Adelaide percebeo a supplica tacita, e affixando o passo á sua calvagadura, o signal expressivo de seus olhos lez que os dous caminhassem avante; por que os segredos das magestades interpretão-se; não se ouvem.

— Ha tres annos ( disse Adalberto desalocado ) que a minha obrigação especial para com a vossa real pessoa aceteve em Canossa; eu tinha pezares, magnum e saudades; não dos parentes e amigos, por que d'elles recebia noticias; mas sim daquella que dominava o meu pensamento. Se vós, muito excelsa senhora, quereis conceder-me graça superior a todo o premio, favorecei o meu legitimo amor.

A lelaide respondeo logo, ao mesmo tempo seia e risouha: „Saberei ser grata a subditos leaes: a escolha será d'uma de vós; empenho-me na felicidade de uma união conjugal, de que certamente hade provir nobre descendencia. Explicai-vos, cavalheiro —

— Senhora! a filha do conde de Mantua —

— Já sei: ( interrompeo Adelaide ) o conde está em Pavia; e o rei pedirá para vós a mão de Isabel —

— Graças, senhora, muitas graças ves don — E o rosto de Adalberto assumou uma lagrima

Via-se a porta principal da cidade: o cortejo remio-se e entrou precipiosamente, como em taes casos è costume.

Na praça maior da cidade de Pavia estavam reunidos os membros, que compunhao os estados da nobreza e clero, de cuja deliberação dependia a coroação do novo monarcha. Como era de suppr, ninguém ignorava o no-

me do candidato; mas no entaato cumprio se a formalidade. No centro daquelle immenso largo havia um pavilhão que muita gente chama barraca; ali, por categorias e precedencias da etiqueta, estavam nos lugares esculpulosamente marcados e occupados, os dignatarios que funcçãoão em semelhantes ceremonias: sabião elles muito bem as suas obrigações, e muito melhor sabião quem seria o monarcha eleito. A praça estava cheia de gente armada; mas toda essa chuva pertencia aos nobres e ao clero deliberrantes, únicos possuidores da regalia do voto: assistia a turba-multa para lazer a funcção mais vistosa.

O rei Berengario, convencido de usurpador e desamparado dos seus secretarios, foi deposto. E quem o havia substituir? Othão o magno, imperador de Alemanha, que entrara pela Italia com poderoso exercito, instigado pelos nobres, e por elles favorecido: mas desta vez foi boa a escolha.

Entaão o rei da Germania assentou-se na cadeira magestática collocada sob o docel preparado no pavilhão, que mencionamos: e note-se que todos os imperadores de Alemanha consideraão muito essencial prerogativa a sua coroação nos estados italianos. Por isso foi Othão coroar-se e receber a sua confirmação á cidade de Milão como rei dos lombardos.

Na basilica de Santo Ambrosio, templo notavel pela sua architectura, e glorioso pela recordação do prelado, doutor da igreja, que è seu padroeiro e orago pela justa rasão que sabem os que leem a historia ecclesiastica, que segundo eu penso não serão muitos, ali teve logar a coroação do imperador eleito: o arcebispo de Milão cingiu-lhe a fronte com o diadema dos monarchas da Lombardia, diadema que tambem coroou

Carlos 5.<sup>o</sup> no 16.<sup>o</sup> seculo, e em nos-  
sós dias o imperapor Napoleão. Con-  
cluida a cerimonia, houve um colloquio  
entre o germano Othão e o conde de  
Mantua, que dahi a uma hora ja tra-  
ctava por filho o filho do conde de Ve-  
rona, Adalberto, defensor de Adelaide,  
e por esta real senhora protegido.

A generosidade do fallecido Lothario  
concedera ao mancebo Adalberto o feudo  
de Suismanium; mas nunca este visi-  
tára o seu novo patria:onio no decurso  
de oito annos de posse; destructava o  
por arrendamento modico a familia de  
Conrado, aneiaõ estimado pelo conde  
pai, e que por toda a parte acompanhava  
seu amo joven, obedecendo mas aconsel-  
hando, com o zelo e interesse do  
homem humilde e leal, que em casa opu-  
lenta trouxera nos braços aquelles a quem  
chama complacente os seus meninos.

O proximo casamento com Isabel, taõ  
suspirada alliança desde o torneio de  
Verona, lembrou ao castellaõ da Suis-  
manium a vida pacifica e domestica de-  
pois da lida dos combates e dos apuros  
dos assedios; quiz ver a sua possessão,  
reparar o seu castello para digna resi-  
dencia da consorte, que o seu coração  
escolhera. Em dia aprasado tomou o ca-  
minho da nova habitaçãõ, recompensa,  
ao que elle cuidava, de suas fadigas e  
de-velos. Ao pôr do sol chegarãõ á lada  
dos Apenninos. Seguido pelo fiel Con-  
rado atravessãra planicies ferteis, rega-  
das pelas agnas que descem das seria-  
nias, e por entre searas, vinhas e po-  
mares, por veredas orladas de lamedas  
frondosas. Vêr, porém, que esta scena  
aprazivel desapparece ao mesmo tempo  
que a luz diurna, entrar no desfiladeiro  
de montanhas ingremes e asperas, por  
trilhos mal frequentados e precipitosos  
é dura transiçãõ, que forçosamente causa  
impressão dolorosa. Quanto mais o se-  
nhor de Suismanium progredia, tanto

maior era a repugnancia que lhe inspi-  
rava a casa, propria sim, mas que ainda  
não vira; assaltava-o profundo accesso  
de melancolia. Mudo ia Conrado apoz  
elle; e o mancebo querendo de-afegar-  
se da oppressão que se molestava fez  
signal ao velho que se aproximasse, e  
perguntou lhe logo sem preambulos, co-  
mo quem para distrahir-se busca enca-  
tar conversação — “Que pensas, amigo  
honrado, desta magestosa estrada por  
onde vamos ao meu castello?” — “Que  
heide eu pensar? É muito triste.” —  
“Triste como tu, que és velho e rabu-  
jento.” — “Mas vendo o mancebo que  
o companheiro se calara, continuou — “É  
devias estar contente porque vis ver a  
tua familia de que ha cinco annos  
andas ausente.” — “A minha fami-  
lia não me dá cuidado; sei que vão  
bem.” — O acento da voz de Conra-  
do era pausado, monotono, agourento:  
dissera-se que algum pensamento afflicti-  
vo o perseguia ao largar aquellas palavras.

— “Que tens? . . . Porque rasão te  
deixas possuir do terror que infundem  
estes sitios bravios e ermos? — Estes  
sitios! — E o velho levantou a cabeça,  
olhou ao redor de si, e respondeu —  
“Não è nada disso.” — Então o que  
è?” — reperguntou Adalberto já com  
visos d’impaciencia — “E sois vós, se-  
nhor meu, que m’o perguntais! . . . —  
“Explicha-te; o que queres dizer, Conra-  
do?” — O mancebo estava ao mesmo  
tempo incitado pela curiosidade e assus-  
tado. O velho dizia então para com-  
sigo: elle hade satê-lo; mais cedo ou  
mais tarde, tudo vem a dar no mesmo.  
Pois não te aexplicitas! . . . — Já, já, meu  
amo, neste mesmo momento . . . Eu não  
sei se devo. . . — O velho emudeceu  
subitamente. Desembocavão n’um valle  
lundo e selvagem: fronteiro vião o monte  
Gotra com toda a sua magestade: na  
lomba desta serra avultava uma torre

quadrada, de construcção antiga e grossa, e por entre as ameias divisava-se um objecto semelhante a um ponto negro com uma centelha por cima, que se movia e mudava de logar, apparecendo agora, e logo occultando-se para tornar a mostrar-se no mesmo sitio. Conrado estremeceu, tiritou como se de improviso lhe dessem as mais violentas terçãs; estendeu o braço direito para a torre; em seguida tapou com as mãos o rosto, e largando assim as redeas, o cavallo arremeceu para o valle: Adalberto apertou com o seu, fez quanto poudes para alcançar o creado; mas dahi a poucos passos viu afundarem-se cavallo e cavalleiro n'um abismo, e apenas poude perceber estas ultimas palavras do velho e fiel servo, que ainda no momento extremo quiz testemunhar-lhe o seu affecto. — « Não chegueis lá .. » — E depois o som da voz extinguiu-se na immensa profundidade do precipicio, sentiudo-se tão somente o roçar das folhas, o estalar dos troncos partidos, e um prolongado gemido; a final era o silencio da morte. — Adalberto poz pè eni terra, orou devotamente, e pagou copioso tributo de lagrimas ao seu leal vassalo.

Não era passada uma hora, cavallava Adalberto na direcção que indicava o desventuroso Conrado. Afflicto e desalentado, meditando no segredo que o acabamento inesperado deste lhe não permittira conhecer, tomou por mau presagio das nupcias o accidente funesto: as ultimas palavras de Conrado de certo se referiaõ ao castello; porêm uma força irresistivel o impelia para Smismantium, sem que ousasse erguer olhos para a torre colóssal: trepou vagarosamente o Gotra; arduo era o accesso. Agitado sempre de inquietas cogitações, a menos de meia milha de distancia atreveo-se em fim a olhar para

o seu dominio. Em pé no meio do torreaõ havia uma figura simillhaante no vulto a mulher, tendo na maõ direita um facho resinoso que meneava por cima da cabeça: o phantasma parecia attentar fixamente no mancebo. Adalberto teve medo pela vez primeira, sentiu afluír-lhe o sangue ao coraçãõ, mas encaminhava-se sempre para a sombra que o fascinava: tinha medo, mas não podia desviar daquella apparição a vista encadeada. Ao chegar ao pincaro do rochedo, base do castello, dava exactamente a meia noite: o vulto negro arremeçou o facho para o declive da montanha, e de negro que era tornou-se n'um instante reluzente como um brasido ateadado e que rofleto o claraõ vermelho; levantando a voz rouca das cavernas do peito cantou palavras inintelligiveis de lingua barbara em tom triste e monotono, que o echo longamente repetio pelas concavidades das fragas e gargantas do valle. Apoz isto desappareceo, e o mancebo calho privado dos sentidos no terreirinho fronteiro á ponte levadiça.

Quando Adalberto recobrou os sentidos despontava no horizonte o claraõ da aurora: custou-lhe a recopilar todas as lembranças da vespera, e a recordar-se das causas do seu deliquio, e da catastrophe que o precedera; todavia o ar matutino puro e fresco, lhe restituiu gradualmente a energia de caracter, de que o dotara a natureza, e que se por momentos afrouxára, nao era culpa d'elle, mas da ignorancia e superstição do seculo barbaro em que vicia ao mundo, seculo de crimes e de milagres, de sublimes feitos e de imperdoaveis cobardias, de liberdade e escravidaõ, de demencia e crueldade; miscellanez incompatible de virtudes e de vicios, tendo tudo por origem a ignorancia crassissima. — A vista que o cavalleiro

lançou em redor de si contribuiu para restabelecer-lhe o equilibrio das faculdades mentaes: a amenidade da scena patente a seus olhos o encheu de admiração: ja não erão precipicios, e paiz selvatico que deixara atraz de si. Suis-mantium, inexpugnavel pela posição campeava sobre todo o monte Gotra, em que tinha as raizes o rochedo a pique que lhe servia de base; dois ramos da montanha serrados de matas verdejantes prolongavão se estendendo em outras serras menos altas, que formavão os limites do valle, que o manoebo atravessara, e que era fertil e ameno, girando por todo elle sinuosas torrentes, em que se desatavão inumeras cascatas rebentando das eminencias sobrestantes, e assim alguns rios, nascidos do Gotra; o valle era bem povoado de arvoredo, searas e vinhas. Todos os outeiros cheios de vegetação e vida, toda a caça que voava, os cabritos montezes que saltavão na penedia das terras altas, pertencia tudo a Suis-mantium; e esta habitação acastellada, dominando tudo, ja então não era para Adalberto a sombria residencia que se erguia como espectro a topetar com as nuvens e a sondar nas estrelas do firmamento um agouro sinistro. Cousa singular! O castello de que durante a noite quereria fugir, a preço da vida se preciso fosse, era agora por elle estimado com excesso, e não se saciava de contemplalo e de o achar bello, e magestoso. Levou enfim a bosina á boca, e retumbarão no ar tres sons distinctos e prolongados. Dahi a um instante descerão a ponte levadiça, abriu-se a porta, e o filho do conde de Verona achou-se n'um espaçoso pateo quadrado no meio de seus vassallos. Vilfrido, filho de Conrado, e os mais homens livres do feudo tinham vindo render homenagem a seu amo e senhor. Adalberto, sentiudo-se ainda abatido,

quize repousar logo das fadigas da jornada, e despediu aquella gente. Algumas horas de sono descansado lhe repararão as forças. Chamou depois o seu rendeiro e com elle visitou o dominio senhorial: milhures de vezes lhe acudiu à lembrança contar a Vilfrido o miseravel fim de Conrado, mas não quiz perturbar logo o contentamento de seus vassallos. No entanto chegou a noite e com ella as reminiscencias da antecedente. Assentado á mesa, Adalberto reflectia profundamente na sua aventura, quando Vilfrido entrou para servir-lhe a ceia; depois de collocar os pratos o vassallo dispunha-se a sair; chamou-o porem o senhor perguntando-lhe « — Quem habita o torreão? — » O torreão! — respondeu Vilfrido, persinuando-se assombrado; e apoz breve pausa accrescentou — « Ninguem, senhor » — Então para que serve ao presente? — « De nada » — A voz de Vilfrido era conhecidamente tremula: Adalberto bem o percebia, mas não ousava fazer-lhe perguntas directas acerca do phantasma do torreão; e assim replicou — « Está pois completamente abandonado? » — De todo senhor. — Contudo vão lá algumas vezes » — Nunca senhor, nunca! — exclamou Vilfrido horrorisado. — « Porrem lá vi luz hontem á noite » — Jesus! Meu pai nunca vos fallou nisso... não vos disse... — Mas o que, o que? — interrompeu Adalberto com ansiedade — « Que essa torre é amaldiçoada [murmurou o rendeiro em voz baixa]; que embora promettessem o castello com todas as suas annexas ao mais animoso dos vossos vassallos para entrar allí por um instante só, recusallo-hia. » — Mas, torno a perguntar, por que é isso? — « Supplico vos, senhor, que não me façais mais interrogacões esta noite a tal respeito. Amanhã a luz do dia, contar-vos-hei tudo; mas

agora: não poderia.» — «Pois fique para amanhã: não é grande o teu animo, Vilfrido.» — «Inquiri toda a gente do castello e seus arredores, e sabeis que Vilfrido, filho de Conrado, acha-se prompto sempre a quebrar uma lança, e a medir a sua espada e forçatanto com um militez como com um de Hungria assim com um samaritano como com um franco; porém tratando-se de cousas sobrenaturaes, (ajuntou elle abaixando a voz e olhando para os cantos da casa) o filho de Conrado é tão fragil e medroso como qualquer mulher.» — «Então seja amanhã boas noites.» — «Deos fique em vossa guarda, senhor, durante o vosso descanso.» E chegando-se a seu amo com demonstrações de sincera affeição, continuou — «Permitti-me todavia que passe a noite nesta sala com alguns aldeãos armados: para alguém chegar ao vosso leito será preciso abrir caminho por cima dos nossos cadáveres.» — Vilfrido, tu és de bom natural; mas que perigo sonhas?» — Talvez seja imaginario... talvez não tenha razão de me assustar... com tudo a cautela...» — Vilfrido correu a puxar o ferrolho da porta d'entrada, e voltando proseguiu — «Os meus ouvidos, senhor, ouvirão a *mulher de fogo* pronunciar o vosso nome no meio do seu canto infernal.» — E quem é essa *mulher de fogo*? — Perguntou Adalberto, que começava a perceber. — «É o phantasma do terremoto (respondeu Vilfrido com mal articulado accentto); é o terror do castello; nomeada mais de dez milhas em redor daqui.» — «Nada mais sabes? — Sei somente que o seu apparecimento data do dia em que a viuva do vosso predecessor foi expulsa d'esta casa em consequencia da vossa posse — Quem foi que deu tão barbaia ordem?» — Era justa, meu amo, e veio do senhor de Verona. O sogro d'esta mulher tinha sido um des-

matadores do imperador Berengario.» — Adalberto meditou alguns minutos, e por fim fallando benignamente ao seu vendeiro, disse-lhe — «Agradecido pelo teu affecto e desvelo... porem eu quero ficar só.» — E porque o vassallo hia replicar, acrescentou logo com gravidade — «Se é destino é mister que se cumpra. Tu homem leal, vai passar a noite em resas á beira do precipicio ao nascente do valle, porque os restos mortaes do teu pai repousão no lundo d'esse abismo.»

Do intimo peito de Vilfrido soltou-se um brado d'horror e agonia, ao seu medo anterior seguiu-se desvairada desesperação, e pela sala fez echo a sua voz ao pronunciar estas pallavras: — Ah que eu bem presenti grande desgraça! O cantar daquella sombra maldita era hontem mais carregado que do costume; e o clarão de satanaz que espalhava era muito mais vivo e avermelhado; era cor de sangue; todo sangue!...» — Ao intima-lo seu amo, retirou-se exhalando em soluços e prantos a vehemencia da sua dôr filial.

Adalberto rem por isso tomou a melhor precaução para livrar-se de o colherem de sobresalto na sua camara: deixou abertas as portas alim de não sentir calma, e armado como vieja atirou com sigo ao leito, tendo apagado a luz, e assim esperou o que aconteceria, movido em parte de receio, em parte de inquieta curiosidade.

Apenas souu meia noite, ouviu a voz da mulher de vulto negro levantar-se no topo do torreão: e desta vez percebeu o dialecto hungaro do canto lamentoso, e muito distintos os nomes do conde de Verona, e delle, seu filho, acompanhados de uma ladainha de pragas e imprecações. Seguiu-se absoluto silencio, e o cavalleiro começava a capaciar-se que não passava isto de desvario da imaginação; eis que



um luzeiro subito lhe deslumbrou a vista, e não obstante o caracter vigoroso que o animava, não pôde conseguir saltar abaixo da cama.

O phantasma do torreão entrou no quarto, poz em Adalberto olhos flamejantes, encaminhou se lentamente para o leito. O moço não pode reprimir um grito de terror, e em seguida murmurou esta meia abafada exclamação. — « O espectro negro ! — « Não ! A mulher de fogo ! (bradou o phantasma e apagou o facho no pavimento, apparecendo, como na vespera, revestida toda de luz, incendiada como um brazeiro) sim, a mulher de fogo ! que vem pedir-te contas do sangue derramado por teu pai em Verona ! a mulher de fogo, que vem reclamar seus direitos a este castello ; que vem reclamar-te que se chama Digiin Szarman ! Recordas-te d'este nome, que teu pai extinguiu lavando as mãos no sangue dos que o tinham ; Assassino ! .. Recordas-te d'este nome que deserdaste, proscoveste, e baniste da terra : Saltador ! A mulher de fogo descartou-se do teu companheiro e guarda, fazendo que lhe chegasse á mão um cavallo espantadiço, do abismo que viste, e agora ella te desafia a combate singular, com armas iguaes e a todo o transe. Ella quer saltar a sua sêde no teu sangue amaldiçoado ! Não ha leis que possam constrianger me a receber preço por minha deshonra ! (a) Quero sangue.... sangue só !... Para onde fôres, nei eu, onde parares, pararei ; não me apartarei de ti senão depois de te haver vencido na liça, e saciado em

(a) Nesses tempos de barbaridade por toda a Europa as leis permissivas que o assassino fosse resgatado por um preço injusto. desistindo os parentes do morto, ou quem isso tomava a peito, dos seus designios de vingdieta que aliás era quasi sempre inexoravel.

teu sangue a minha vingança. Se recusares o duello, te assassinarei ; tão verdade como as almas dos dois Szarmanians pedem vingdieta lá do fundo de seus tumulos !... Quando estiveres disposto me chamarás ; se me não chamares dentro do prazo que tenho marcado para satisfação de justiça, nem as entranhas da terra te poderão esquivar ao ferro do meu punhal !...

Recobrado um tanto do seu assombro, e persuadindo-se de que tinha que contender com um ente vivo talvez com uma louca, mas não com um espectro, Adalberto estava a ponto de responder com resolução a tão longa invectiva ; mas a visão não lhe deu tempo, desaparecendo-lhe da vista, e tão somente deixando um circulo de faiscas no lugar que occupára. (b)

(Continua)

(b) O facto que constitua a tés desta narração passa por verdadeiro, e a tradição popular o attribue em parte a causas sobrenaturaes : ha quem pertenda explicita dizendo que a metamorphose da mulher de fogo se effectuava em virtude de algum pó phosphorescente com que o supposto phantasma salpicava o vestido e que bastaria sacudi-lo para ficar invisivel na obscuridade : estes póz cahidos no redor do vulto devião parecer-se depois com um circulo de fagulhas ou centelhas.

oo

#### CONDIÇÕES ELEITORAES NOS ESTADOS UNIDOS

Como entre nós ha muita gente, que a cada passo está citando os Estados Unidos d'America sem muito conhecimento de causa, e alguns entendem, que a qualificação para eleitor deveria ser tão somente a regra da

contribuição isto he, que só deve ser eleito quem paga imposto para o fisco, e na razão destes, dizendo mais que assim se pratica geralmente em os Estados Unidos; para instrução d'huns, e outros, e de engano dos que ignorão aqui apresentamos o *resumo das condições eleitoraes dos Estados Unidos*, extraído da recente obra de Alexis Tocqueville, intitulada — *A democracia n'America*.

No Estado de Massachusetts para ser eleitor he preciso ter de renda tres lib. sterl., ou sessenta de capital. Em Rhode-Islande propriedade territorial no valor de cento e trinta e tres dollars—Em Connecticut propriedade, que renda desasete dollars. Hum anno de serviço na milicia dá o mesmo direito eleitoral.—Em New-Jersey deve ter bens, que valhão cincoenta lib.—Na Carolina do Sul e Marylandia deve ter cincoenta geiras de terra—Em Tennessee basta ter propriedade de qualquer natureza—Nos Estados de Mississipi, Ohio, Georgia, Virginia, Pensylvania Delaware, e New-York basta para ser eleitor pagar impostos; e na maior parte dest s Estados o serviço da milicia equivale ao pagamento do imposto.—No Maine e New-Hampshire para ser eleitor basta não pertencer á lista dos indi-

gentes.

— Nos Estados de Missouri, d'Alabama, Illinez, Luisiana, Indiana, Kentucky, e Vermont não se exige condição alguma de fortuna para se ser eleitor.

( Do Carapuceiro. )

HOMEM PENE RANTE

Hindo hum rujeito visitar outro que morava no fim da sua rua, na conversação que teve com elle lhe disse: „ sabe v. m. que mais? que hoje achando-me com vagar, quando vinha visitá-lo, entrei a contar os ladrões, que temos na nossa rua: — respondeo lhe o outro, — pois temos quadrilha na rua? e eu sem o saber! disse-lhe o hospede: „ — “ Sim, Senhor, a minha conta não falha: olhe v. m. *Camellão da Arruda* que mora nas casas, que confinão com as minhas, dá partida em casa, em que perde todas as noites, pelo menos, dez, doze moédas; não sahe fora, que não seja em seje de alu- guer: a sua Senhora cada oito d'as bota hum vestido; tem cento e cincoenta mil réis de renda, olhe ladrão he elle, o como elle furta, e as horas a que o faz, he que eu não sei. *Labrugio A- prigio* que mora defronte des

„ te, poucos são os dias que  
 „ não tenha dez hospedes em  
 „ casa; pelo verão tem casas  
 „ no campo, onde a sua Se-  
 „ nhora vai tomar ares, lá e ca-  
 „ se fazem assembléas de cus-  
 „ to; tem cavallo seu; tudo  
 „ compra por junto e não tem  
 „ occupação alguma: olhe, la-  
 „ drão he elle; agora o como  
 „ elle furta he que eu lhe não  
 „ posso dizer. *Remelio Pitoga*,  
 „ homem solteiro que mora lo-  
 „ go mais para baixo, tem car-  
 „ rinho de campo, o alfaiate  
 „ nunca se lhe tira de casa; an-  
 „ da sempre com ranchos de  
 „ Madamas fazendo funcções pe-  
 „ las quintas; vem-lhe do Isi-  
 „ dro o jantar a oito tostões por  
 „ dia; tem nos dois theatros  
 „ camarote effectivo: vive de  
 „ huma mezada de cincoenta  
 „ mil réis cada anno, que lhe  
 „ dá hum tio, que tem no  
 „ Brasil; olhe, ladrão he elle,  
 „ o que eu ainda não pude al-  
 „ cançar he o como elle furta.

Hia continuando a conversa  
 a tempo, que o outro amigo  
 lhe disse: *páre você, não di-  
 ga mais, que tenho medo que  
 chegue com a sua conta á mi-  
 nha porta*

(Do Almocreve das Petas)



## SINCERIDADE DE UM LITTERATO.

Hum homem litterato levava  
 horas certas a estudar; e hum  
 dia gastando mais tempo, que do  
 costume, vio chegar-se a elle  
 sua mulher, a qual recebeu per-  
 guntando «Que he isso? Que  
 vem você dizer-me? Eu digo,  
 marido, que muito desejava ser  
 livro» — E para o que, minha  
 querida? Para o ter sempre ao  
 pé de mim — Tambem eu o qui-  
 sera, com tanto que você fos-  
 se folhinha — Porque sr.? — He  
 porque (concluiu o marido) as fo-  
 lhinhas substituem-se todos os an-  
 nos, e a que serve este já não  
 serve para o outro.



## GATUNOS MESTRES NA SUA ARTE.

Em Londres certo gatuno poz-se  
 por hum mez inteiro sobre os pas-  
 sos de certo Lord commerciante,  
 que frequentava o botequim da  
 Praça do Commercio, a ponto  
 de ensinuar-se na sua estima.  
 Hum dia fingio o velhaco hum  
 viagem, e perguntou ao Lord  
 que horas erão. Este tirou do  
 riquissimo relógio, á vista do qual  
 exclamou o gatuno "Que pe-  
 ça preciosa!" Quanto lhe cus-  
 tou? — Oitocentos mil réis —

Hum conto daria eu, se achasse hum igual — O relojoeiro, que o fez, já he morto — Sr. permitta V. Ex., que lhe faça uma proposta. Aqui tem hum bilhete do banco no valor de hum conto de reis: confie-me o seu relógio só por meia hora que he em quanto o vou mostrar a hum insigne artista para me fazer outro por elle. — Não he preciso isto (disse o Lord) guarde o seu bilhete, e ahí tem o relógio. — Tanto insistio o tractante, que o fidalgo recebeu o bilhete só por formalidade, e não só lhe entregou o relógio se não que emprestou-lhe a sua seje.

O adirão indireitou logo para o palacio do Lord e apeando-se annunciou, que queria fallar com Milady. "Eu vejo aho, minha Sura., da parte do Sr. Lord, cuja seje me trouxe, dizer a V. Ex. que elle se acha na praça do commercio a ponto de concluir hum negocio mui vantajoso; e que não pode vir a casa, receando de perder o lanço; por que talvez se divulgue a nova, e isto pode transtornar tudo: pelo que encarregou-me de receber de V. Exc. todos os bilhetes do banco, que existem em sua casa. Para tirar a V. Exc. toda a descon-

fiança mandou para signal o seu relógio." A Senhora, caindo no laço, entregou promptamente ao gatano 30 contos de reis em bilhetes do banco. O ladrão despedio-se della com grandes cortezias; voltou á praça do commercio; entregou o relógio ao Lord, exprimindo-lhe o seu cordial agradecimento; recebeu o bilhete, que lhe dera de penhor, e despedio-se para sempre.

## MOTE.

*Vi a Cupido brincando,  
A cabeça lhe quebrei.*

## GLOSA.

Estando me hontem deitando,  
Senti mexer no ferrolho;  
Puz á fechadura o olho,  
*Vi a Cupido brincando:*  
*Que quer cá? vá se safando,*  
Do postigo lhe gritei:  
Nao fez caso, e eu que observei  
Que de mim fazia pouco,  
Fui-me a elle, e só de um sóco  
*A cabeça lhe quebrei.*

Hontem vindo ao cães chegando  
De dar hum ganderio ás moças,  
Na praia fazendo poças,  
*Vi a Cupido brincando:*  
Eu que desle não sei quando  
Delle escaldado fiquei,  
Quiz vingar me, e lhe atirei  
C'uma pedra tão damnada,  
Que da primeira pedrada  
*A cabeça lhe quebrei.*

## MODO DE SUPORTAR AS DESGRAÇAS.

Amru Sultão de Gazna, tendo sido destroçado e aprisionado n'uma batalha por Ismael Samain Sultão de Karisma foi conduzido a um castello, onde o vencedor o mandou guardar com a maior cautella. Amru que nada havia comido em todo o dia, e que se achava em extremo enfraquecido pelas fadigas do combate, rogou aos seus guardas que lhe dessem algum alimento ainda que parco fosse e trazendo-lhes estes um bocado de carne crua, foi necessario, para assal-a, servirem-se do mesmo fogo que pouco antes se havia accendido para aquecer o infeliz prisioneiro.

Mas ainda bem esta refeição se não tinha posto ao lume, quando aproximando-se um cão, se lançou sobre ella e deitou a fugir. O Sultão, impellido pela fome quiz ao principio persegui-lo para lhe fazer largar a preza, mas logo depois desatou a rir, olhando para as cadeias que tão seguro o retinhaõ.

Compadecidos os guardas da sua sorte trouxeram-lhe outro bocado de carne e lhe manifestaraõ a sua admiração pelo verem rir em tão triste situação.

Rio me da fragilidade das grandezas humanas. respondeu o principe, pois esta manhã quando dispunha o meu exercito em ordem de batalha, notei na retaguarda de immensas bagagens, trezentos camellos, que segundo me assegurou o meu mordomo, eraõ apenas sufficientes para transportar a minha uxaria, e agora vejo que só basta um pequeno cão para m'a levar.

## A VIDA DOS MEDICOS.

Mui curiosas indagações tem provado que a duração commum da vida humana é menor para os que exercem a medicina, do que para os que se applicão ás outras profissões. Tomando por termo de comparação a idade de 70 annos achou se que em 100 Theologos, 45 pelo menos a alcançãõ: em 100 lavradores 40; em 100 empregados públicos 55; em 100 negociantes 33 em 100 militares 32: em 100 advogados 29; em 100 artistas 28: em 100 professores 27; em 100 medicos 24.

**A' Illm. e Eym. Sr. D. Maria Benedicta Pereira da Cunha, cantando a mesma o romance de Treves, intitulado a Meditação.**

## CANTIGA.

Beune aos versos meus, tens sons divinos

(Garret)

Anjo de carne  
Oh! Benedicta,  
Tua voz excita  
No ceio d'alma  
Tua emoção.

Quando melulas  
Harmoniosa  
A tão saudosa  
De Treves doce  
Meditação.

Oh! quanto he grande  
Este teu canto!  
Que mago encanto  
Amplio derrama  
No coração!

A hum mundo extranho  
De gloria exacta  
Nos arrebatá  
D'esta terrestre  
Habitação

Sem falla mesmo  
Fallara á mente  
Com fogo ingente  
De inabalavel  
Persuasão.

Do vate absorto  
Rouba os sentidos  
E em seus ouvidos,  
Emboca a tuba  
Da inspiração.

Se o amante ausente  
Te escuta a lyra,  
Já não suspira  
Que finde a dura  
Separação.

Por gosto a ella  
Nos sugestamos  
E lhe votamos  
A liberdade  
Com a razão.

Ella a impiedade  
Não solte aos ares,  
Pois se a cantares  
Nós a amaremos,  
E a ingraticidao.

Do bom Gonzaga  
A suavidade  
Ai! com saudade  
Aqui nos lembra  
Tua canção.

(Salomé)

Observadas todas as qualidades do homem, boas, e más, praticadas com excesso, degenerã o em conhecidos vicios, e mudã de natureza, a que lhes corresponde um temivel pago, quando se mostrã pelo contrario do que deverião ser. Por exemplo:

Qualidades.	Vicios.	Premios.
O valente degenera . . . . em	Atrevido . . . . . e	leva facada
O animoso. . . . . em	Barbaro . . . . . e	tem má fama.
O aspero. . . . . em	Soberbo . . . . . e	cahe em pobreza.
O pacifico . . . . . em	Fraço . . . . . e	é a irrisão de todos.
O recatado . . . . . em	Medroso . . . . . e	foge de tudo.
O que não soffre. . . . . em	Imprudente . . . . . e	tem desgraça
O que soffre . . . . . em	Dis-simulado . . . . . e	fogem delle.
O prodigo . . . . . em	Vindoso . . . . . e	desconfia a cada passo;
O pompado. . . . . em	Mofino. . . . . e	é só para si.
O fallador . . . . . em	Tolo . . . . . e	faz o paõ caro.
O caladi . . . . . em	Aborrecido . . . . . e	para nada se convida.
O que luz. . . . . em	Vicioso. . . . . e	vive sempre em precipicio
O que não luz. . . . . em	Porco . . . . . e	a todos exxualha.
O pobre . . . . . em	Impertinente. . . . . e	não acha quem o sirva.
O humilde . . . . . em	Hypocrita . . . . . e	mais tarde se aburrece.
O ligeiro. . . . . em	Estouvãdo. . . . . e	em quanto faz erra.
O vagaroso . . . . . em	Preguiça. . . . . e	nada lhe medra.
O gabador . . . . . em	Lisongeiro. . . . . e	nunca tem credito.
O metediço . . . . . em	Adulador . . . . . e	arrisca-se a si, e aos mais
O encarecido. . . . . em	Mentiroso . . . . . e	nunca alcança fortuna.
O resolutto . . . . . em	Temerario . . . . . e	cava a sua mesma cova.
O grangeador. . . . . em	Avarento . . . . . e	tudo lhe leva mão fim.
O namorado . . . . . em	Vadio . . . . . e	morre como vive.
O fugitivo. . . . . em	Bicho do mato. . . . . e	vive sem amizades.
O que se eleva. . . . . em	Mão homem . . . . . e	é apontado.
O que se distrahe. . . . . em	Passero. . . . . e	não faz negocio.
O que joga . . . . . em	Perdulatto. . . . . e	dã nos enchupos.
O facil. . . . . em	Doido . . . . . e	é palito de todos.
O dis-sultoso . . . . . em	Estatua. . . . . e	anta morto em vida.
O que discorre . . . . . em	Demasiado . . . . . e	no fim lhe acha o erro.
O que argumenta. . . . . em	Arengueiro . . . . . e	desordena um mundo
O farto . . . . . em	Comilão . . . . . e	em breve come por uma vez.
O parco. . . . . em	Esfomeado . . . . . e	a tyrica o espera.
O dependente. . . . . em	Burro de carga . . . . . e	se lhe falta o pres-timo, bota-se à margem

Para que as Sras. se não riam dos homens, dellas trataremos conveniente-  
*opium* no numero immediato.

---

**LOGOGRIPHO ANAGRAMMATICO.**

Com quatro pés ando tanto  
 Que estou em todo o lugar,  
 No alto céu, e na terra,  
 Até no fundo do mar.

Se o primeiro pé me cortas  
 Tres me restão: mesmo assim  
 Por minha essencia não vejo  
 Alguem em cima de mim.

Se continuas cortando  
 O primeiro e o segundo,  
 Sou na lingua dos francezes  
 A cousa maior do mundo.

Se cortas primeiro e quarto,  
 Somente com os dous do meio  
 A pó reduzo com forcea  
 O que se chega a meio seio.

Se em ordem meu quarto pé  
 Começa a retrogradar,  
 De heroismo altas lembranças  
 Eu te faço recordar.

O soneto inigmatico, do numero antecedente, descreve  
 uma — *Pescada*.